



CONHECENDO AS CULTURAS DA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Luciléia Belter - UNIJUÍ

Noeli Valentina Weschenfelder - UNIJUÍ

Agência Financiadora: CAPES

Este texto parte de uma investigação em andamento, cujo objetivo é exercitar a pesquisa com a infância, prestando atenção às culturas das crianças das classes populares para melhor compreender as interações entre elas e os adultos de seu entorno em uma escola pública de ensino fundamental, em meio aos fazeres/saberes de sujeitos praticantes do cotidiano. A centralidade de tal interesse está na perspectiva da experiência de uma docência que se *relacione*¹ com a infância, no sentido de *estar em relação*; *referir-se* (à infância), deixá-la *narrar/relatar*(se), e *por em pauta seus assuntos*; para *fazer adquirir relações, amizades* (entre a infância e a docência) e *estabelecer relação, analogia entre coisas diferentes* (escola e infância popular); e *então confrontar* (as relações); para poder enfim, *ligar-se e travar conhecimento e amizade*.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil², no texto do artigo 4º, as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Seguindo tal perspectiva, há que se reconhecer e considerar a especificidade da infância e dos saberes infantis e populares, na tentativa de captar a lógica deste “outro”, diferente do adulto que as educa/ensina, buscando ultrapassar estereótipos e conhecer as especificidades de um determinado universo social e cultural. No entanto, ainda permanecem

¹ As palavras grifadas em itálico referem-se ao significado da palavra relacionar segundo dicionário Aurélio

² Resolução CNE/CEB nº 5/2009 - ME.

abertas muitas interrogações: o que caracteriza a infância das camadas populares? Quem são as crianças que frequentam a Educação Infantil na escola pública municipal? Como entender as infâncias e as crianças no contexto social e cultural, para apreender a complexidade das ações, linguagens e interações infantis?

Buscamos apoio no *novo paradigma da sociologia da infância*, o qual afirma o valor das crianças como protagonistas, em oposição ao *paradigma da criança objeto* das concepções tradicionais, nos quais as crianças foram entendidas como passivas nos processos de socialização e do saber adulto, seres em *déficit*. Da mesma forma, é na antropologia da criança que encontramos a possibilidade de aprofundar a dimensão cultural da infância, procurando nos “fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista” (Clarice Cohn, 2005, p.8). De tais campos de estudos tomamos emprestadas ferramentas teórico-metodológicas para exercitar uma possibilidade analítica e para ter presente o ponto de vista das crianças, seu olhar, suas vozes, enfim, suas representações sobre a escola infantil e também sobre os lugares que as crianças vivem cotidianamente, ou seja, as suas casas, o entorno da escola.

Assim, tal investigação propõe-se a: captar a lógica do “outro”, criança da Educação Infantil, diferente da adulta/professora/mulher, buscando ultrapassar estereótipos e conhecer as especificidades de um determinado universo social e cultural, por meio de uma *docência investigativa*, com a participação das crianças; conhecer formas de mediar, enquanto docente, o cruzamento de culturas infantis e escolares; discorrer uma metodologia de escuta das culturas infantis no exercício da docência, com uma turma de Educação Infantil (pré-escola), em escola de periferia urbana, com crianças de 5 a 6 anos de idade; problematizar práticas pedagógicas na docência em Educação Infantil, mapeando possibilidades e limites de práticas participativas que favoreçam aprendizagens no interior da escola infantil.

Procurando exercitar práticas participativas no cotidiano da sala de aula, ao longo do ano, procurou-se “partilhar” a docência de modo que as crianças pudessem também inserir suas perspectivas no planejamento. Nos momentos da rodinha as crianças, aos poucos, foram se colocando como protagonistas, contando seus assuntos, novidades, opiniões de como poderíamos usar certos recursos em sala de aula, dando ideias. Uma das ideias surgidas no

grupo foi de visitar as suas casas, após a exploração que fizemos do livro *Crianças como Você* de Barnabas e Anabel Kindersley³.

Com o consentimento dos pais, durante o ano letivo de 2011 realizamos visitas nas casas de algumas das crianças da turma, com a proposta de ser uma visita guiada pela criança, oportunidade na qual ela nos mostraria as coisas cotidianas que para ela eram mais importantes e significativas no seu espaço doméstico e familiar, e também no trajeto realizado até a sua casa. Nesta ocasião, a criança recebia a máquina fotográfica e as instruções para seu uso adequado e para que fotografasse tudo o que para ela fosse importante.

Durante os passeios visitas nas casas, conhecemos, por intermédio das crianças, o bairro, os lugares que frequentam para brincar, os lugares onde moram seus parentes, amigos, funcionários da escola, suas casas, seus objetos, animais de estimação, brinquedos, quartos, lugares, esconderijos, etc.. Alguns dos registros fotográficos mostram os momentos da visita como os amigos brincando no seu pátio, os parentes como avós/avôs, tios/tias, mães e pais, padrinhos/madrinhas, primos/as, os quais se encontravam em casa no horário da visita ou que moravam próximos e foram apresentados.

Foram registrados em fotografias os animais como os cães, gatos, periquitos, galinhas, patos, assim como alguns de seus objetos, brinquedos, roupas, móveis e eletrodomésticos, do quarto, sala, cozinha, lavanderia; alimentos nos armários e geladeira; instrumentos e espaços de trabalho dos pais (como a caminhonete de frete de um dos pais, e o salão de beleza de uma das mães); desenhos feitos com a família; aparelhos eletrônicos como videogames, televisão e ventiladores; fotografias da família penduradas na parede; além de objetos e cartas enviadas por pais que não estão com a família naquele momento.



³ Livro produzido em associação com a Unicef, retrata de maneira alegre aspectos da cultura cotidiana de crianças que vivem em várias regiões do planeta, em diferentes continentes e países.



Fotografias geradas pelas crianças

Lugar e espaço são conceitos diferentes. As crianças mostram o que para elas é significativo e faz parte do seu cotidiano. Desta forma, compreendemos seus *lugares* de fala, de vida cotidiana, seus saberes infantis, refletindo escola a partir da ideia de *espaço*, sendo este o que se imagina ou se projeta, na perspectiva de transforma-lo em *lugar* - definido como aquele que construímos *a partir do fluir da vida*. Segundo Frago e Escolano (1998, p.61) “a ocupação do espaço, sua utilização supõe sua constituição como lugar”. Pensamos que é possível transformar a escola também em lugar para a infância ao conhecê-las em seu contexto sociocultural, *construindo pontes* entre esses saberes. É possível promover também o espaço escolar para as crianças como um *lugar* onde se possa falar, expressar, comunicar, por meio das várias linguagens que dominam com tanta desenvoltura em seus espaços domésticos cotidianos, de maneira que seus comunicados sejam vistos, ouvidos e considerados no planejamento docente e na organização do espaço escolar.

No cotidiano da escola somos tocados, interpelados, convocados a interagir, olhar, receber flores, beijos, ver novidades, nos relacionar com os sujeitos que fazem a escola e são o motivo de sua existência. Isso é inerente à profissão de educadores; é cotidiano, é cultura da infância na escola e deveria integrar o seu currículo. Não há como ser professor e não querer saber do outro. Lá está o sujeito, complexo e heterogêneo, que precisamos conhecer, respeitar e educar.

Porém, não basta apenas conhecer, é preciso dar espaço à interculturalidade⁴ e as suas aspirações, negociar espaços não fazendo leituras ingênuas, conhecendo as estruturas que os criou, os interesses políticos que articulou e tudo que a partir disso foi se tecendo. Brandão (1985) fala em:

Deslocar o eixo do sujeito da *escola* para o aluno, para crianças e adolescentes reais, tal como eles são especificamente, em cada contexto de condições de vida, de trabalho e de participação na cultura em que se

⁴ Segundo Vera Maria Candau (2008).

inserir. Mesmo as pesquisas onde o foco seja algum aspecto parcelar cujo conhecimento importe à Pedagogia, tratá-lo “em situação” (BRANDÃO, 1985, p.138).

Ao conhecer um pouco mais a fundo as culturas infantis no contexto escolar, nossa hipótese é de que estes dados possam nos ajudar nas práticas pedagógicas cotidianas, no sentido de construir uma gestão participativa em sala de aula, o que poderia colaborar para a diminuição do fracasso escolar e a dissonância entre as culturas populares e a cultura escolar.

Ao acolher, registrar e problematizar elementos da cultura infantil em interação com a cultura escolar há possibilidades de compreender as crianças em seus processos educativos. A escola, inclusive a escola infantil, poderá torna-se um local privilegiado para viver uma infância de direitos e ainda, lugar de reflexividade docente, qualificando as ações e interações pedagógicas.

Formosinho (2010) reflete sobre a necessidade de incorporar as crianças em um cotidiano que as respeite e propõe desenvolver outra pedagogia, que denomina de *transformativa*, em que se tome a criança como ser de direitos, compreenda sua competência, escute sua voz para transformar a ação pedagógica em uma atividade compartilhada (p.14), baseada numa práxis de participação.

Para nós, professoras, conhecer dados sobre as culturas infantis nas instituições escolares pode contribuir para a formação docente e para a qualidade na Educação Infantil. Colocando-se como professora pesquisadora das infâncias, essa competência será construída com o tempo, através de novas descobertas e conhecimentos passíveis de serem alcançados com o trabalho, permitindo a reflexão sobre as próprias experiências. Uma docência específica com crianças pequenas exige que se conheça mais a infância como categoria geracional, conforme estudos da infância. Para isso, as contribuições da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança, especialmente no que diz respeito à metodologia de pesquisa junto às crianças, são fundamentais, pois se tratam de campos do conhecimento importantes para compreensão das interações entre crianças e adultos na escola infantil, marcada pela cultura contemporânea e pela linguagem.

Muito ainda temos que aprender sobre as infâncias, além de conhecer os estudos que já foram realizados, pois a docência cotidianamente nos mostra toda sua complexidade que vai muito além da transmissão de conteúdos. As crianças nos mostram isso, nos interrogam, estão o tempo todo a nos apontar novas possibilidades e é esse olhar que precisamos exercitar, para

talvez contribuir construindo novas possibilidades de ser: ser docente *para* a criança; ser criança *na* escola: ser escola *da* infância; ser família *na* escola; ser *currículo narrativo*.

Bibliografia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. São Paulo; Brasiliense, 1985

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). Multiculturalismo – diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FRAGO, A. Viñao, ESCOLANO, Agustín. Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Org.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Resolução CNE/CEB nº 5/2009 - Ministério da Educação

Esquema Banner

TÍTULO	
Autoras, Instituições, e-mail.	
Introdução e discussões	
Dados gerados pelas crianças	
Considerações finais	Referências